

Núcleo figurativo: *themata* ou metáforas?

Tarso Mazzotti

Moscovici e Vignaux (1994) consideram os que os *themata* são as “idéias-fontes” ou os “conceitos-imagens” próprios do núcleo figurativo das representações sociais. Tal concepção sustenta-se na de Gerald Holton, o qual propõe que os *themata* são os organizadores das argumentações científicas, uma vez que operam por meio de pares antitéticos como, por exemplo, *contínuo e discreto, evolução e degeneração, hierarquia e unidade* (Holton, 1982, p. 27). Para Holton, a análise temática dos enunciados científicos vincula-se ao esclarecimento do diálogo entre os cientistas que expressa “a natureza dialética da ciência como atividade pública e que busca o consenso” (ibid., p. 27). Esta situação é a própria do “auditório universal” que delibera sobre a pertinência de argumentos a partir de evidências tornadas aceitáveis no curso da história das ciências. Os procedimentos e as regras de argumentação do auditório universal das ciências encontram-se em suas metodologias e por elas são determinadas o que é uma evidência, quais as condições para a aceitação deste ou daquele enunciado. Em tais contextos, os pares antitéticos *hierarquia e unidade, reducionismo e holismo*, por exemplo, organizam os discursos e produzem argumentações em contrário, os *contra temas*. Por esta via, os cientistas desenvolvem suas teorias e suas comunidades.

De um ponto de vista clássico, os referidos pares antitéticos são *linhas de argumentações comuns* ou lugares comuns (*topoi koinoi*) presentes em todas as conversações. Aristóteles mostrou que os *topoi* são próprios da dialética e da retórica, sendo que uma ciência ou uma técnica deles se servem em suas investigações e argumentações com vistas a constituírem seus axiomas ou princípios (Aristóteles, *Retórica*, 1358 a1-21). Uma vez estabelecidos os axiomas, os conhecimentos considerados confiáveis, cabe expor o conquistado de maneira encadeada, de maneira didática (Aristóteles, *Analíticos Posteriores*, Livro I, 1, 71a). Deste ponto de vista, os *topoi* não são nem os organizadores das teorias científicas, uma vez que estas os abandonam quando alcançam estabelecer seus axiomas; nem das representações sociais, pois os pares antitéticos podem receber significados diferentes segundo a metáfora utilizada no discurs-

so, como procurarei mostrar. Primeiro mostrarei que Holton confunde os *topoi* com as metáforas, em seguida examinarei as proposições de Moscovici e Vignaux.

O que diz Holton?

Tomemos uma passagem na qual Holton apresenta a posição de Weinberg sobre a física das partículas elementares. Nela lemos que Weinberg assume que “o mundo é discreto, feito de partículas” (Holton, 1982, p. 33). Certamente esta concepção é o *lugar* (*topos*) da individuação, próprio dos argumentos que afirmam o discreto, o descontínuo.

Porém, há ali uma outra determinação não capturada por Holton, embora ele a nomeie, dizendo que Weinberg apresenta uma visão *antropomórfica*. “A física das partículas elementares”, diz Holton (*ibid.*, p. 35), “algumas vezes é ironicamente denominada zoologia”. Tal ironia expressa a condenação da assimilação de um aspecto da física a uma certa concepção de ser vivo. Esta crítica expõe a ação da metáfora utilizada por Weinberg: *as partículas elementares são como seres vivos*. Por certo, as partículas elementares podem ser concebidas como entes matemáticos, sem vida, em uma analogia com alguma geometria. Ou seja, o mesmo tema – partículas – pode ser tomado em sentidos diferentes em um e em outro casos. Em um deles, as partículas são como seres vivos; em outro elas são como pontos em alguma superfícies geométrica, como se fossem entes matemáticos. Aqui nos interessa o antropomorfismo de Weinberg, pois ele utiliza uma metáfora considerada imprópria por seus críticos: *as partículas elementares são como seres vivos*. De fato, os críticos mostram o essencial da metáfora utilizada por Weinberg e propõem outra, baseada na analogia com alguma geometria, a qual denominam “modelo”, que é o nome da “metáfora” no dialeto dos cientistas.

No entanto, Holton não parece ser sensível à metáfora e desconsidera seu papel organizador nas comunicações. Mais ainda, Holton não distingue os *topoi* das metáforas. Em seu livro *Thematic Origins of Scientific Thought* (1988), confunde metáforas com temas ou *topoi*. Os exemplos dessa confusão são muitos, apresento apenas um. Holton afirma que Kepler esteve obcecado pelo “tema do universo como uma máquina física” (p. 2). Certamente se trata de uma metáfora, uma vez que “universo” é comparado com uma “máquina

física” – não matemática, como são os algoritmos de Newton e sucessores. Compara desiguais, não semelhantes, em busca do que considera comum, assimilando um no outro, o que é o procedimento próprio da metaforização.

Uma vez que, para Holton, metáfora e tema são o mesmo, então não reconhece o valor argumentativo das figuras ou esquemas retóricos. Isso fica ainda mais explícito em seus comentários sobre um livro de Stephen Jay Gould, o *Time's Arrow, Time's Cycle*, uma vez que Holton o considera “uma eloquente exploração de *themata* opostos” (id., *ibid.*, p. 475). No entanto, Gould expõe a *flecha do tempo* e *ciclo do tempo* explicitamente como metáforas baseadas em uma analogia com o corpo humano. Na metáfora *flecha do tempo* o corpo é tomado por seu processo de crescimento com direção; na do *ciclo do tempo*, o corpo é apreendido por seus aspectos repetitivos, como a circulação sanguínea (Gould, 1991, p. 88).

Acredito que o apresentado é suficiente para sustentar que Holton não considera o valor das distinções clássicas sobre os esquemas retóricos, dessa maneira não compreende que os *themata* são regulados pelas metáforas nas quais estão envolvidos, como veremos mais adiante.

Voltemos a Moscovici e Vignaux para examinar um aspecto crucial da assimilação dos *themata* em uma teoria das representações sociais, na qual as representações são operadas pelos *topoi*. A partir daí mostrarei o papel das metáforas na modulação dos *topoi*.

Tematização é predicação

Moscovici e Vignaux dizem “(...) devemos considerar que os processos de tematização visam, em cada discurso, estabilizar os significados na forma de relações temas-propriedades (adjetivos), indutoras de imagens das situações ou do modo de ser das coisas e do mundo”¹ (Moscovici e Vignaux, 1994, p. 42). Ou seja, tematização é predicação.

Como se estabelecem os predicados ou categorias?

A predicação se faz por meio de uma aproximação do que se sabe com o que ainda não se sabe. O conhecido oferece os predicados, ou categorias,

1 “(...) nous devons considérer que les processus de thématisation visent dans chaque discours, à des stabilisations de sens sous forme de relations thèmes-propriétés (adjectifs), inductrices d'images de situations ou de mode d'être des choses et du monde”.

que podem ser assimilados ao desconhecido por meio de uma negociação entre as pessoas. No entanto, o tema não é predicado, é um esquema geral do qual alguém parte para argumentar. Mas, segundo Moscovici e Vignaux, o tema induz as imagens da situação ou do mundo em uma ontologia elementar. Tal ontologia elementar compreende temas arcaicos, os quais são “concepções primeiras profundamente enraizadas, que informam a ciência bem como a percepção que temos”² (ibid., p. 45). Ou seja, os temas estabelecem os predicados de algo.

Porém, aquelas noções primitivas são, de fato, as que Aristóteles denominou *lugares comuns*, os quais não são atributos de algo, são linhas de argumentação coordenadas por metáforas que determinam os predicados. Por exemplo, o lugar comum *todo* subsume as *partes* se e quando coordenado pela metáfora *organismo*. Em Platão, *vida social* é um *todo* similar ao organismo que subsume os indivíduos ou as *partes*. A mesma linha de argumentação, em Aristóteles, tem outro significado, pois agora o *todo* resulta das interações das *partes*, assim, *vida social é como um piquenique*, as *partes* produzem o *todo* (Cassin, 1994, p. 101; 1995, pp. 242-246).

Em suma, os *themata* propostos por Holton não permitem distinguir o papel das metáforas na coordenação de significados, uma vez que não discrimina aquelas dos *topoi* ou linhas de argumentação. O mesmo se dá quando assimilamos aquela proposta em alguma teoria sobre as representações sociais.

Até aqui procurei mostrar, em oposição a Holton, que uma linha de argumentação tem significados diferentes segundo a metáfora que a envolve ou a agencia. Em uma argumentação fundamentada no *topos parte e todo*, por exemplo, seus significados são determinados pelas metáforas que os enredam. Caso a metáfora seja *organismo*, *corpo*, como em Platão, parte/todo tem significado diverso da envolvida em piquenique, como em Aristóteles. Outro exemplo encontra-se na obra de Gould acima citada. As metáforas *flecha do tempo* e *ciclo do tempo* expõem uma outra determinação: a mesma fonte da metáfora, a analogia com o corpo humano, dá origem a metáforas distintas segundo a característica acentuada. Quando o corpo é tomado por seu aspecto

2 Another point concerns the antiquity and paucity of *themata* – the remarkable fact that the range and scale of recent theory, experience, and experimental mean have multiplied vastly over the centuries while the number and kind of chief thematic elements have changed little (Holton, 1988, p.17).

de *crescimento direcionado*, temos a metáfora *flecha do tempo*; por outro lado, ao centrar nos processos cíclicos, chega-se à metáfora *ciclo do tempo* (Gould, 1991, p. 85).

Tudo isso seria de pouca importância caso as metáforas fossem um esquema qualquer. No entanto, elas são centrais em toda argumentação. O que pode ser verificado em muitos trabalhos de historiadores e filósofos das ciências e, em particular, pelas declarações de Gould. Este diz que só compreendeu o *tempo profundo* da geologia quando alcançou as metáforas *flecha do tempo* e *ciclo do tempo* (Gould, 1991, p. 29).

Há muitos estudos sobre o papel das metáforas nas argumentações, porém, aqui, não há espaço para os expor. Limito-me a apresentar mais um exemplo que se encontra em uma comunicação de Denise Jodelet sobre a representação de *cidade*. Em sua comunicação, Jodelet diz ser necessário “recorrer a novas metáforas para pensar a cidade”, uma vez que esta é usualmente representada “como um corpo, com seu coração, seu centro, suas periferias, suas artérias” (2002, p. 33). Assim, Jodelet apresenta uma metáfora que se opõe à usual: a *cidade é como uma rede*. Esta mudança de metáfora conduz a uma alteração fundamental nas representações e teorias sobre a cidade, o que mostra, mais uma vez, a eficácia argumentativa das metáforas.

A eficácia argumentativa das metáforas nos conduz a sustentar ser necessária a identificação deliberada das metáforas nas investigações sobre as representações sociais. Para mim está claro que no núcleo das representações operam figuras ou esquemas retóricos e, em particular, a metáfora (Mazzotti, no prelo). Como identificar e expor as metáforas?

Identificação e exposição das metáforas

A identificação e exposição das metáforas são procedimentos relativamente fáceis e difíceis, ao mesmo tempo. Fáceis, pois apreendemos as metáforas ainda quando não as reconhecemos de maneira inteiramente consciente. Difíceis, pois em um *corpus* discursivo as metáforas permanecem ocultas.

Os procedimentos adequados para identificar e expor as metáforas encontram-se nos tratados de retórica e lingüística. Eles mostram que as metáforas são identificáveis por marcadores do tipo “X é como se fosse Y”, “tal coisa é o mesmo que tal outra”. Todavia, muitas metáforas são como as ves-

timentas adequadas à ocasião ... e estas são as que buscamos apreender na investigação das representações sociais de algo. Tais investigações requerem um certo trabalho artesanal de análise de um *corpus* discursivo dos sujeitos.

Tomo como exemplo um *corpus* que tenho em mãos graças a Alda Judith Alves Mazzotti. Esta pesquisadora coordenou um amplo estudo sobre as representações sociais de *meninos de rua*. Examinou com acuidade o *corpus* de dados por meio das técnicas e procedimentos propostos para a abordagem das representações sociais. Ao utilizar de maneira escrupulosa as técnicas e os procedimentos, como o fez Alda Mazzotti, chega-se a um conjunto de palavras substitutas das indutoras. As palavras substitutas mais freqüentes são, de fato, metonímias, uma vez que se ligam às indutoras por alguma conexão ou familiaridade. Todavia, a metonímia obtém seu significado ou da metáfora ou do contexto de enunciação. Uma metonímia pode apresentar-se sem ligação direta com alguma metáfora, mas ela sempre depende do contexto para sua eficácia argumentativa. Por exemplo, quanto, em 1700, o embaixador espanhol disse, em França, "não há mais Pirineus", produziu uma metonímia de grande impacto, o que hoje não aparece ter. Seja como for, a metonímia encontra-se nas metáforas e estas sempre contêm metonímias, como demonstrou Patrick Tort (1989). Todavia, o sentido das metonímias é usualmente determinado pela metáfora que a agencia.

Voltemos ao trabalho de busca deliberada de metáforas que condensam metonímias encontradas no *corpus* sobre *meninos de rua*. A metáfora que encontrei é *o menino de rua é como um rei, o rei da rua*, tanto em seu sentido positivo quanto negativo. *Rei da rua* é uma metáfora sobre legitimidade do poder. *Rei da rua* é um usurpador para o grupo de pais da classe média, seus filhos e policiais; porém, é *soberano legítimo* para o grupo de educadores sociais que trabalham com aqueles meninos nas ruas (Mazzotti, no prelo). Tratei este *corpus* de entrevistas por meio da análise retórica que busca apreender a negociação de significados entre o orador e o auditório, no caso os entrevistados e os entrevistadores.

Uma observação geral: não há como identificar as metáforas por meio de cálculo estatístico, uma vez que as ocorrências de certas palavras e enunciados são, desde o início, não casuais, pois expressam certa intenção dos falantes, que associam sentidos às palavras similares ou conexas, ou seja, apresentam metonímias. A maior freqüência não indica maior grau de sentido, mas uma preferência entre os entrevistados. Assim, por meio de testes de as-

sociação, obtêm-se listas de metonímias, uma vez que estas são conexões entre palavras que substituem as indutoras. As metonímias operam nas metáforas, mas não são suficientes para esclarecer a classificação de algo realizada por alguém. Para isso é necessário apreender a metáfora na qual as metonímias obtêm seu significado. O que requer uma análise do material com vistas a apreender as o ou os operadores semânticos. No caso de *reis da rua*, que opera a *legitimidade do poder*, apareceu espontaneamente em uma entrevista. No entanto, foi a que deu sentido ao conjunto de metonímias encontradas. De fato, a raridade, neste caso, apenas mostra algo próprio das comunicações: o corrente nem sempre é explícito, pois se expressa por uma metáfora que permanece evidente e oculta ao mesmo tempo. Como já disse, tais metáforas são como as vestimentas adequadas à ocasião.

Uma alternativa para identificar as metáforas por técnicas quantitativas é a *análise semântica latente*. Tal análise pode ser realizada por meio de um algoritmo proposto por Kintsch (apud Bestgen e Cabiaux, 2002, p. 332). Este cálculo considera que a interpretação das metáforas deve considerar sua interatividade. Para verificar a eficácia da análise semântica latente, Bestgen e Cabiaux utilizaram-na *corpus* constituído por nove contos de Maupassant. Uma das conclusões dos autores foi que aquele tipo de análise não é eficaz para identificar as metáforas mortas (catacreses) e as metáfora vivas, o que já permite desconsiderá-la como instrumento adequado. Os autores procuraram responder a uma outra questão: o procedimento automático permitiriam distinguir as versões metafóricas das literais? Respondem com um *talvez* (p. 336). Mas o procedimento requer que os pesquisadores assinalem os enunciados metafóricos e os literais antes de fazer a varedura automática... logo, quem decide é o pesquisador e o *talvez* deve ser considerado *certamente não*. Os autores concluíram que estamos longe da identificação e interpretação automática das metáforas (p. 336).

Assim, não parece ser realista supor que tenhamos meios automáticos para identificar e, menos ainda, para interpretar as metáforas. Tais tarefas permanecem nas mãos dos pesquisadores, o que apresenta problemas metodológicos importantes para a validação do que se supõe ser a metáfora central em uma representação ou argumentação.

Conclusão

As metáforas condensam e coordenam significados, logo, operam os núcleos das representações sociais, uma vez que estabelecem e agenciam os predicados e lugares-comuns (*topoi koiná*). Os *themata*, tal como definidos por Holton e aceito por Moscovici e Vignaux, são lugares-comuns coordenados por alguma metáfora, por exemplo, *a vida das partículas elementares* ou *o mundo é como uma máquina física*. Mais ainda, um mesmo lugar-comum tem significados diversos segundo a metáfora que o coordene. Os lugares-comuns *todo* e *parte*, por exemplo, têm significados opostos quando se encontram regulados pela metáfora *organismo* ou pela metáfora *piquenique*.

A identificação das metáforas é, então, a tarefa central para apreender o núcleo figurativo, não os *themata*, como querem Moscovici e Vignaux. Tal identificação pode partir das metonímias localizadas por meio dos testes de associação, ou de conexão entre palavras, usual entre os pesquisadores que buscam os elementos do núcleo central. Essa técnica, no entanto, precisa ser complementada por uma análise do *corpus* para expor a ou as metáforas que dão significados às metonímias ou associações (palavras associadas às indutoras). Finalmente, é necessário validar a comunicação na qual aquelas metáforas operam e isto pode ser feito por meio do discurso de grupos antagônicos, que expõem as razões pelas quais não aceitam tal ou qual metáfora para este ou aquele objeto de disputa.

Resumo

O autor propõe-se a discutir a concepção de núcleo figurativo e as possibilidades de sua apreensão. Analisa a identificação das metáforas como tarefa para apreender o núcleo figurativo.

Palavras-chave: representações sociais; núcleo figurativo; metáfora e *themata*.

Abstract

The author discusses the conception of figurative core and the possibilities of its grasping. He analyses the identification of metaphors as a task to grasp the figurative core.

Key-words: social representations; figurative core; metaphor and "themata".

Resumen

El autor pretende discutir la concepción de núcleo figurativo y las posibilidades de su aprehensión. Analiza la identificación de metáforas tales como tarea para aprehender el núcleo figurativo.

Palabras claves: representaciones sociales; núcleo figurativo; metáfora y themata.

Referências

- Bestgen, Y. e Cabiaux, A.-F. (2002). L'analyse sémantique latente et l'identification des métaphores. Nancy, TALN, 23-27 juin. (<http://www.loria.fr/projets/TALN/actes/TALN/posters/Poster03.pdf>)
- Cassin, B. (1994). "Del organismo al *picnic*. ¿Qué consenso para qué ciudad?". In: Cassin, B. (org.). *Nuestros griegos y sus modernos. Estrategias contemporáneas de apropiación de la antigüedad*. Buenos Aires, Manantial.
- ____ (1995). *L'effet sophistique*. Paris, Gallimard (Essais).
- Gould, S. J. (1991). *Seta do tempo, ciclo do tempo. Mito e metáfora na descoberta do tempo geológico*. Trad. Carlos Alberto Malferrari. São Paulo, Cia. das Letras [*Time's Arrow, time's cycle. Myth and Metaphor in the Discovery of geological time*, 1987, Harvard University Press].
- Holton, G. (1982). *Ensayos sobre el pensamiento científico en la época de Einstein*. Madrid, Alianza Editorial.
- ____ (1988). *Thematic origins of scientific thought. Kepler to Einstein*. Revised Edition. Cambridge, Harvard University Press.
- Jodelet, D. (2002). "A cidade e a memória". In: Del Rio, V.; Duarte, C. R. e Rheinsgantz, P. A. *Projeto do lugar. Colaboração entre psicologia, arquitetura e urbanismo*. Rio de Janeiro, Contra Capa (Col. ProArq).
- Mazzotti, T. (no prelo). "Analyse des métaphores: une approche pour la recherche sur les représentations sociales". In: Garnier, C. e Doise, W. *Les représentations sociales: balisage d'un domaine d'études*. Montréal, Éditions Nouvelles.

- Moscovici, S. e Vignaux, G. (1994). "Le concept de thémata". In: Guimelli, Ch. (dir.) *Structures et transformations des représentations sociales*. Lausanne, Delachaux et Niestlé.
- Tort, P. (1989). *La raison classificatoire*. Paris, Aubier (Resonances).

Tarso Mazzotti

Professor Titular de Filosofia da Educação pela UFRJ
Universidade Federal do Rio de Janeiro – Faculdade de Educação
E-mail: tarsomazzotti@uol.com.br